

INVESTIGAÇÕES ERRANTES PARA EXPERIENCIAR UM MUNDO NOVO

Letícia Merlo (Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR)¹
Diego Elias Baffi (Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR)²

RESUMO

Essa pesquisa investiga a construção de modos de experienciar o viver no mundo sem estar presa à necessidade em ser útil. Para experimentar o tempo e o espaço público, escolheu-se errar, caminhar pela cidade tomada pela simples vontade em ir, em continuar indo só pelo prazer do caminho. Parte assim, sem uma linha traçada entre pontos no mapa, mas com um início singelo que seguirá a deriva pelas palavras andantes no papel. Parte da errância em arte. Por isso, o presente estudo visa compreender a deriva em arte, tendo como ponto de partida o cruzamento entre experiências práticas e estudos teóricos com base crítica principal nas teorias de Paola Berenstein Jacques e Verônica Veloso e teóricos da geografia humanista, principalmente Yi-Fu Tuan. A partir desses saberes, estão sendo experimentadas ações artísticas virtuais e presenciais que se configuram como modos de (sobre)viver na cidade de modo individual e coletivo.

PALAVRAS-CHAVE

Errância urbana; Intervenção urbana; Espaço Público.

ABSTRACT

This research investigates the construction of ways to experience living in the world without being tied to the need to be useful. To experience time and public space, we chose to make mistakes, to walk through the city taken by the simple desire to go, to keep going just for the pleasure of the road. It starts like this, without a line drawn

¹ Graduanda em Licenciatura em Teatro pela Universidade Estadual do Paraná (Unespar) – Campus de Curitiba II/ Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Voluntária no Programa de Iniciação Científica da Unespar. Estagiária da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Unespar. E-mail: merloleticia16@gmail.com

² Graduado em Artes Cênicas pela Universidade Estadual de Campinas (2004), Mestre em Artes pela mesma universidade (2009) e Doutor pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2019). Professor efetivo da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) – Curitiba campus II (FAP). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Interpretação Teatral, atuando principalmente nos seguintes temas: intervenções urbanas em arte, palhaçaria e corporeidade cênica. E-mail: diego_baffi@yahoo.com.br

between points on the map, but with a simple beginning that will follow the drift through the wandering words on paper. Part of the wandering in art. Therefore, this study aims to understand the drift in art, having as a starting point the intersection between practical experiences and theoretical studies with a main critical basis in the theories of Paola Berenstein Jacques and Verônica Veloso and humanist geography theorists, especially Yi-Fu Tuan . Based on this knowledge, virtual and face-to-face artistic actions are being tried out as ways of (sur)living in the city in an individual and collective way.

KEYWORDS

Urban wandering; Urban intervention; Public place.

Captar a dimensão do instante, possuir os átomos do tempo, interromper a fuga do presente, eis alguns dos anseios de Clarice Lispector em sua obra intitulada “Água Viva”. A ânsia de Clarice Lispector em captar a quarta dimensão do instante e possuir os átomos do tempo me acompanhou, anos depois da passagem da autora pelo mundo. Na jornada de perder tempo para ganhar vida, capturar instantes de pausa no movimento, encontrar qualquer coisa que aquietasse o espírito da dor de habitar uma sociedade doente e doentia e de transformar espaços em lugares, surgiram as minhas primeiras experimentações.

Os desejos da autora também são guias no meu caminho: queria contemplar o tempo em um estado de fruição que fosse além da noção de utilidade da vida. E vivê-lo em estado de presença. Na busca, encontrei a Errância Urbana, que é um modo contemplativo de caminhar pelas cidades para ter uma experiência outra,

A experiência errática das cidades. A experiência errática afirma-se como possibilidade de experiência urbana, uma possibilidade de crítica, resistência ou insurgência contra a ideia do empobrecimento, perda ou destruição da experiência a partir da modernidade. (JACQUES, 2012, p.19)

Comecei errando na rua, e de repente a cidade nova transformou-se em um abrigo aconchegante. Encontrei, por suas vielas, segredos dos outros, corações com letras marcadas de amores jovens. Como errante, a relação com a cidade provocou um olhar mais poético e vulnerável, aberto a ver e ouvir dos lugares o que eles estivessem dispostos a me contar e a me mostrar. Após, mesmo com a pandemia de covid 19, descobri nos audiotours outra maneira de encontrar a sensação corporal e espiritual produzida pelas errâncias em lugares com menos exposição ao vírus, como minha casa.

Nesse artigo, compartilho o processo de criação da série de audiotours “Mover: Experimentos Sonoros para Habitar Novos Mundos”³ realizada no Programa de Iniciação Científica da Universidade Estadual do Paraná, que tem como objetivo gerar experiências entre o ouvinte espectador e o ambiente. O primeiro passo nesse processo foi encontrar o que me movia no momento, pois o encontro comigo é essencial para o meu processo de criação artística. Era preciso aquietar a confusão mental para conseguir ouvir os impulsos criativos, em virtude disso, resolvi começar uma andança de encontro com a pessoa que sou agora. Iniciei uma rotina de meditação e um caderno de anotações no qual tudo o que me inspirava passou a habitar às folhas, sejam panfletos, frases, fotos impressas de pichações nas ruas, mantras, entre outros. Foi assim, no olhar afetuoso para dentro, que percebi que precisava de acalento – acalento: ação de aconchegar, ação de confortar.

Depois de descobrir a necessidade do espírito, era preciso encontrar a arte. Em uma palestra concedida por Verônica Veloso à quandonde intervenções urbanas em arte⁴, disponível no canal do YouTube da plataforma, a artista falou sobre dois procedimentos que foram apropriados pela arte: a deriva e o audiotour. No início da fala, a artista apresenta o Movimento Internacional Situacionista, considerado o último movimento de vanguarda do século XX e que tinha como pensamento guia a ideia de psicogeografia, deriva e construção de situações. “A psicogeografia é tida como o estudo sobre os efeitos do meio geográfico agindo diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos e a deriva, como uma técnica de passagem rápida por diferentes ambiências.” (VELOSO, 2017, p.159). A deriva aparecia para eles como a possibilidade de explorar ações improdutivas, afinal, é uma ação caracterizada por ser “um deslocamento sem rumo, que não prevê um local de chegada, apenas um ponto de partida [...] um deslocamento subjetivo, o oposto de uma caminhada funcional que levaria do ponto A ao ponto B.” (VELOSO, 2017, p. 175). Assim, provoca a construção de um momento que está além da noção utilitária do tempo porque “é antifuncional e improdutiva, como o jogo” (Idem, ibidem). Consequentemente, esse ato se configura

³ Disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=kjuntbZlpsc&list=PLn3346PnbM0F2Oj_UIFV2ukekzrOwlhY1&ab_channel=Let%C3%ADciaMerlo>. Acessado em 13/08/2021 às 15:46.

⁴ “A quandonde intervenções urbanas em arte (escrito em letra minúscula, substantivo comum, ordinário) é uma plataforma de ações em intervenção urbana surgida em Curitiba, Brasil, em março de 2012. O uso de plataforma como prenome dá-se pelo entendimento de que a quandonde se constitui enquanto território de tensões e afetos que seus membros criam entre si e a cidade” (saiba mais no site www.quandonde.com.br/a-plataforma) Acessada em 13/08/2021 às 15:50.

como uma forma particular de viver as situações de modo poético e presente. A partir dessa lógica, outras formas de experimentações do cotidiano foram surgindo, como os audiotours

Um audiotour é um percurso sonoro que pode ser analisado segundo dois pontos de vista distintos. Do ponto de vista do espectador, trata-se de um passeio, pois quem experimenta um audiotour se relaciona com o espaço a partir de um estímulo sonoro e, geralmente, desconhece o caminho a ser percorrido. Um audiotour embala os ouvintes ao longo de um trajeto como quem convida alguém para um passeio ou o conduz numa exploração aleatória de um recorte da cidade. Do ponto de vista do artista, portanto, trata-se de um percurso sonoro, cabendo a ele a definição do caminho e a proposição de um tipo de contemplação da cidade. (VELOSO, 2017, p. 251)

A filosofia de pensamento proposta pela deriva por intermédio desses deslocamentos não funcionais e improdutivos está presente na concepção dos audiotours “Mover: Experimentos Sonoros para Habitar Novos Mundos”. Primeiro, porque há a pretensão de explorar a noção de corpo preparado, muito utilizado na Deriva. Esse corpo, assim como o corpo disposto a experimentar um audiotour, se difere do corpo habitual porque precisa assumir uma posição que exige vulnerabilidade, manter-se aberto e receptivo ao que emana do espaço público (ou privado), exige ter disposição para ouvir, sentir e ver, além de possuir um certo grau de expectativa em relação a esse encontro com o imprevisível.

Nessa perspectiva, audiotours são um modo de audição poética que propõem uma mudança no uso habitual no tempo que contrapõe o modo instaurado no sistema de produção capitalista, no qual o tempo é visto como uma moeda de troca. É em oposição a esse pensamento que essas ações se colocam. A experiência errática da cidade trazida por Paola Berenstein Jacques parágrafos (quadras, ruas?) anteriores, traz na ideia de experiência uma de suas centralidades e é justamente essa característica que a torna uma ação insurgente. Para Jorge LarrosaBondía “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece ou o que toca. A cada dia nos passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (BONDÍA, 2002, p. 21). Nesse sentido, o saber promovido pela experiência, de acordo com o autor, tem relação com o modo como uma pessoa responde ao que lhe acontece. Na errância, isso se conecta com a maneira com a qual acontece a relação entre errante e cidade.

Tomo a noção de experiência em Jorge LarrosaBondía e Yi-Fu Tuan como ponto central para a criação artística que compartilho neste estudo. O primeiro autor aborda a questão da destruição da experiência na modernidade e, para ele, a experiência como a possibilidade de que algo aconteça e toque as pessoas

[...] requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA, 2002 p.24)

Além disso, segundo Jorge LarrosaBondía, a experiência está intrinsecamente relacionada com a possibilidade de transformação do agente que está experienciando. Desse modo, em uma sociedade na qual a confusão entre conhecimento e acúmulo de informação é teso e a velocidade com que os acontecimentos se fazem no mundo é rápida, a probabilidade de experiência se torna cada vez mais rara. Ao mesmo tempo, Yi-Fu Tuan descreve a experiência como “um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade.” (TUAN, 1983, p.9) e, ainda acrescenta que ela implica que ocorra um aprendizado com as situações vividas, pois isso torna possível criar, pensar e atuar sobre a experiência. Para ele, experiência é algo capaz de criar sentimento e pensamento porque ela é constituída dessas duas coisas,

O sentimento humano não é uma sucessão de sensações distintas; mais precisamente a memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais no cambiante fluxo da experiência, de modo que poderíamos falar de uma vida do pensamento. É uma tendência comum referir-se ao sentimento e pensamento como opostos, um registrando estados subjetivos, o outro reportando-se à realidade objetiva. De fato, estão próximos às duas extremidades de um *continuum* experiencial, e ambos são maneiras de conhecer. Ver e pensar são processos intimamente relacionados. (TUAN, 1983, p. 11)

Nesse ponto, esse geógrafo humanista propõe uma perspectiva capaz de abranger uma estrutura espacial que não se baseia apenas na localização de objetos, construções e coisas pelo espaço. Mas, também leva em consideração o modo como determinado espaço atravessa a vivência individual de cada ser humano, fazendo com que através de pensamento, memória e sensações aconteçam experiências singulares

com o lugar. Assim, propõe uma análise de espaço e lugar por intermédio da perspectiva da experiência. É exatamente nesse cruzamento entre lugar e significação que, acredito, está localizada o modo como eu encaro à deriva e os audiotours tal qual ações que possibilitam a criação de experiências.

Se, para Jorge LarrosaBondía, experiência é algo que requer pausa, disposição para cultivar a arte do encontro e possibilidade de transformação do agente que está experienciando, para Yi-Fu Tuan o lugar também se transforma conforme a experiência que se tem com ele. Isso faz com que além do ponto de vista do ser que tem uma experiência é possível pensar o lugar como gerador de experiência, explorando-o como co-autor artístico. É nesse sentido que acontece nos audiotours “Mover: Experimentos Sonoros Para Habitar Novos Mundos” um encontro entre experiência (sob a luz dos dois autores) e lugar. Porque, ao mesmo tempo em que essa proposta artística exige do espectador ouvinte abertura para pausar os hábitos de rotina e se permitir ser transformado pelo que escuta, também propõe criar/descobrir/encontrar uma relação íntima com o lugar onde se está experienciando a ação. Isso é capaz de gerar memórias e significações novas ou antigas resgatadas conforme a proposta de cada áudio.

No percurso artístico do “Mover: Experimentos Sonoros Para Habitar Novos Mundos”, após a ação de dedicar um diário para compreender o pensamento guia, iniciei a criação. Criei um cronograma no qual dedicava uma semana para o nascer de cada áudio. Durante esse tempo, busquei fazer um exercício contínuo de olhar para dentro e perceber qual acalento gostaria de receber. Disso, nasceram alguns dispositivos para a criação: o jogo, o afeto, o movimento, a contemplação, o desabafo, o encontro, o ver com olhos novos, o cotidiano, os sentidos.

O JOGO: pensar, lembrar, listar jogos infantis ou dramáticos e criar proposições de movimentação pelo espaço a partir deles.

O AFETO: pensar, lembrar, listar ações de gentileza. Compartilhar vulnerabilidades. Ser amiga, companheira. Tentar estar perto. Criar a partir da pergunta: “que proposição de fala e/ou movimento pode criar no corpo e alma de quem escuta um quentinho de amor?”

O MOVIMENTO: pensar, lembrar, listar proposições de movimento pelo espaço. Decidir o espaço (sala, quarto, varanda, externo, interno, bagunçado, vazio, etc.). Brincar com movimentos, brincar com dança, brincar com som, brincar com vida.

A CONTEMPLAÇÃO: pensar, lembrar, listar movimentos e pausas para contemplar o que habita fora, dentro, na casa, no outro, no passado, no futuro, na angústia, na saudade, no sentir, na parede, no espaço, no lugar.

O DESABAFO: pensar, lembrar, escrever, gravar, colocar sonorização em desabafos. Mostrar que também sou vulnerável, também tem um ser humano do outro lado, para tentar ficar perto, vencer a barreira do medo de ser vista para conseguir criar um laço. Criar uma intimidade. Esses são menos relacionais, mais auto performáticos.

O ENCONTRO: pensar, lembrar, escrever possibilidades de encontro que podem ser propostos pelo audiotour. Encontro do ouvinte com o espelho, com a parede, com o teto, com a cama, com o espaço público, entre outros. Explorar o encontro poético e simbólico.

O VER COM OLHOS NOVOS: criar caminho sonoros para o ouvinte descobrir o seu mundo de novo, pela primeira vez. Sentir o cheiro do agora, perceber que o lugar muda conforme quem o habita muda. Propor paixões entre espectador e lugar através do movimento.

O COTIDIANO: olhar para o mundo cotidiano até encontrar nele traços de poesia, fantasia e aconchego. Encontrar a poesia no real. Compartilhar com o ouvinte.

OS SENTIDOS: pensar possibilidades de movimento que levem em conta cheiros, texturas, gostos, alimentos, entre outros, que o ouvinte possa ter em casa ou no lugar proposto para ouvir o audiotour.

Além dessas proposições que existem e das que ainda irão nascer – porque penso que ser artista é um pouco sobre conservar espaço para o que ainda há de existir – todas guardam a ideia de exploração do pensamento, sentimento, memória e intuição que, assim como trazido por Yi-Fu Tuan, tem a capacidade de gerar impactos no fluir da experiência. E englobam também o questionamento do geógrafo a respeito de

Quais são os órgãos sensoriais e experiências que permitem aos seres humanos ter sentimentos intensos pelo espaço e pelas qualidades espaciais? Resposta: cinestesia, visão e tato. Movimentos tão simples como esticar os braços e as pernas são básicos para que tomemos consciência do espaço. O espaço é experienciado quando há lugar para se mover. Ainda mais, mudando de um lugar para o outro, a pessoa adquire um sentido de direção. Para frente, para trás e para os lados são diferenciados pela experiência, isto é, conhecidos subconscientemente no ato de movimentar-se. O espaço assume uma organização coordenada rudimentar centrada no eu, que se move e se direciona. (TUAN, 1983, p. 13)

Por esse caminho, tanto as derivas quanto os audiotours podem impulsionar descobertas espaciais, além de sensoriais, afetivas, sentimentais e de memória. Ao mesmo tempo, são ações capazes de criar a experiência defendida por Jorge LarrosaBondía, pois cultivam além dessas características a ideia central de criar encontros entre o ser interior e o mundo exterior. Para que esse encontro aconteça, é necessário estar presente e, arrisco a dizer, é necessário a coragem de estar presente e de se colocar frente ao que torna a vida tão sublime e assustadora: a efemeridade do instante. Por isso, qual foi minha surpresa ao descobrir que, na minha tentativa “lispectoriana” de capturar a quarta dimensão do instante, falhei. Afinal, me apaixonei exatamente pela surpresa de não conseguir capturar o tempo.

REFERÊNCIAS CITADAS

BONDÍA, Jorge Larossa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Tradução de João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p.20- 28, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://goo.gl/MKAK9U>. Acessado em: 13/08/2021.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador : EDUFBA, 2012.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MERLO, Letícia. **Audiotour: movimento para mover para dentro / mover: experimentos sonoros para habitar novos mundos**. Youtube, 10/08/2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kjuntbZlpsc&list=PLn3346PnbM0F2Oj_UIFV2ukekzrOwlhYl&ab_channel=Let%C3%ADciaMerlo. Acessado em: 13/08/2021 às 15:46.

QUANDONDE. **Quandonde- intervenções urbanas em arte**, 2021. A plataforma. Disponível em: <https://www.quandonde.com.br/a-plataforma>. Acessado em 13/08/2021 às 15:50.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. – São Paulo: DIFEL, 1983.

VELOSO, Verônica Gonçalves. **Percorrer a cidade a pé - ações teatrais e performativas no contexto urbano**. 2017. 422f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.